

Trajatória da constelação sufixal: *-ismo*, *-ista*, *-ístico(a)* e *-ística* – desde a origem grega às línguas modernas

(Sufixal constellation trajectory: *-ismo*, *-ista*, *-ístico(a)* e *-ística* – from its Greek origin until Modern Languages)

Nilsa Areán-García¹

¹Grupo de Morfologia Histórica do Português (GMHP) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) – Universidade de São Paulo (USP)

nilsa.arean@gmail.com, nilsa.garcia@usp.br

Abstract: The present paper, a result of researches carried out by the GHMP (GMHP in Portuguese) – Group of Historical Morphology of the Portuguese Language – aims at studying both the synchronic and diachronic aspects of the constellation formed with the suffixes *-ismo*, *-ista*, *-ístico(a)* and *-ística*. For such, initially we work with its Greco-Latin genesis and, after that, we investigate its evolution into modern languages. With that, we evaluate the importance of languages of culture and the importance of processes of translations in the international dissemination of the suffixes in question.

Keywords: Historical morphology; suffixation; suffixal constellation.

Resumo: O presente artigo, resultado das pesquisas do GMHP – Grupo de Morfologia Histórica do Português –, visa a estudar os aspectos sincrônicos e diacrônicos da constelação formada com os sufixos *-ismo*, *-ista*, *-ístico(a)* e *-ística*. Para tanto, inicialmente averigua-se a sua gênese greco-latina e, posteriormente, investiga-se sua evolução nas línguas modernas. Desse modo, pode-se avaliar a importância das línguas de cultura e dos procedimentos de tradução na disseminação internacional dos sufixos em questão.

Palavras-chave: Morfologia histórica; sufixação; constelação sufixal.

Introdução

De acordo com a metodologia desenvolvida pelo Grupo de Morfologia Histórica do Português – GMHP – e descrita em Viaro (2011), inicialmente foi feito um estudo das origens da constelação sufixal no grego e no latim. Para tanto, faz-se necessária uma pesquisa em obras históricas e etimológicas sobre os elementos estudados nestas duas línguas clássicas, com o qual se observa que *-ιστικός*, *-ιστής* e *-ισμός* não são sufixos no grego, mas terminações concatenadas, respectivamente aos sufixos *-ικός*, *-τής* e *-μός* quando da derivação de palavras provenientes de formas verbais geralmente terminadas em *-ίζω*, representado morfologicamente pela partícula *-ισ-* que compõe as terminações. Embora não encontremos menções a *-ística* ou a *-ιστική* nas obras teóricas consultadas, pôde-se verificar a sua efetiva ocorrência no grego na formação de palavras substantivas, bem como a sua ocorrência na constelação de terminações: *-ίζω*, *-ισμός*, *-ιστής*, *-ιστικός*, *-ιστική*. Não obstante as terminações se mostrem produtivas no grego abrangendo vários campos semânticos, ao serem transpostas para o latim, perdem sua grande produtividade e se especializam no campo semântico filosófico e religioso, como também, em muitos casos, perdem a sua associação verbal, tornando-se denominais nessa transposição. Em decorrência da perda da associação verbal na transposição à língua latina, a partícula *-ισ-*

cristaliza-se junto aos sufixos gregos, originando, assim, os sufixos da constelação ora estudada.

Sabendo-se que não são exclusivos das línguas portuguesa, pois têm como origem as terminações gregas *-ισμός*, *-ιστής*, *-ιστικός* e *-ιστική* que foram incorporadas à língua latina sob a forma *-ismus*, *-istēs*, *-isticus* e *-istica*; procurou-se também explorar a internacionalidade dos sufixos *-ismo*, *-ista*, *-ístico(a)* e *-ística*, nas suas várias formas cognatas e, por meio de um estudo de suas formações, verificar o comportamento e a expansão internacional dos sufixos e das constelações com eles formadas. Constatou-se que a grande maioria das associações ocorrem entre *-ismo* e *-ista*, por isso é a constelação mais referida, mas se constata também a ocorrência da constelação ternária composta pelos sufixos: *-ismo*, *-ista* e *-ístico(a)* com menor frequência. Além disso, ocorre a constelação quaternária, não mencionada pelas obras teóricas de apoio consultadas, formada por: *-ismo*, *-ista*, *-ístico(a)* e *-ística*. Entretanto, praticamente não se verifica a associação verbal, tal qual no grego. Nota-se também que a retomada da produtividade dos sufixos não se dá pela sua transposição ao latim clássico, mas por uma retomada do grego nas formações de novos vocábulos no âmbito formal e acadêmico e pela sua veiculação por meio de línguas de influência cultural.

Com esses dados, então, consegue-se distinguir, além do processo genealógico desde o grego às línguas modernas, também algumas características que definem as constelações sufixais *-ismo*, *-ista*, *-ístico(a)* e *-ística*, bem como a importância das traduções na sua incorporação lexical, da produtividade e de sua disseminação internacional.

Constelação sufixal

Convém lembrar que o termo *constelação*, ora usado, significa, na sua associação por extensão de sentido, segundo Houaiss (2001), entre outras acepções, “conjunto de elementos que formam um todo coerente, ligados por algo em comum”. Tal acepção fornece subsídio ao uso do vocábulo nas mais diversas áreas, não mais apenas restrito à astronomia e à astrologia, tampouco restrito apenas ao significado de “um grupo de estrelas próximas ou afins”. Nesse sentido, também a área da linguística se apoderou do termo, conforme Houaiss (2001), com a designação de “grupo de palavras ligadas por associação semântica”. Embora não esteja definido no dicionário consultado, consideramos que o termo *constelação sufixal*, também usado no seu verbete do sufixo *-ismo*, conforme as designações anteriores, seja a aplicação da definição linguística de *constelação* ao vocábulo *sufixo*, que neste estudo é tido como um morfema provido, além de função gramatical, também de significado; de maneira que o termo designa, por especialização do sentido linguístico, *um grupo de sufixos ligados pela associação semântica de suas funções*.

Assim, uma constelação sufixal aplicada a uma dada base formará uma família de palavras, derivadas com os sufixos pertencentes ao grupo, e que constituirá uma instância da constelação sufixal. Por exemplo: *urbanismo*, *urbanista*, *urbanístico(a)* e *urbanística* é uma família de palavras que constitui uma instância da constelação sufixal: *-ismo*, *-ista*, *-ístico(a)* e *-ística*; tomando como base a palavra *urbano*.

A origem da constelação no grego clássico

Para se conhecer a origem da constelação no grego clássico, foram localizadas e estudadas todas as palavras terminadas em *-ισμός*, *-ιστής*, *-ιστικός* e *-ιστική*, encontradas no dicionário etimológico Chantraine (1968), bem como os verbos terminados em *-ίζω* e suas famílias de palavras criadas por derivação sufixal, além de consultas a obras gramaticais e etimológicas sobre o assunto.

Segundo Casevitz (1985, p. 21-30), no grego arcaico, considerado pelo autor a época de Homero e de Hesíodo, já podem ser encontrados verbos em *-ίζω*, muitos dos quais tomam como suas raízes palavras concretas pertencentes ao período micênico e ao domínio agrícola, evoluindo, no período arcaico, em direção ao domínio da construção e ao urbano, bem como ao militar e da guerra. Convém lembrar ainda que o sufixo *-τής*, na formação de *nomina agentis*, é comum na escrita de Homero (período arcaico da língua grega), suplantando a forma jônico-ática mais antiga e concorrente, *-τηρ*, e contribuindo para as associações entre *-ίζω* e *-ιστής*. De acordo com Juret (1937, p. 148), os verbos gregos formados a partir de *-ίζω* podem denotar ruídos, em geral, onomatopeicos ou sons musicais, muitas vezes provenientes do instrumento tomado como base; em outros casos são verbos que podem indicar ‘imitadores de’, em geral, tomando um gentílico como base, e ainda, verbos que estão associados a ‘ser seguidores de’ ou ‘ser partidários de’. O sufixo *-ίζω* é amplamente conhecido por formar derivados verbais que denotam o senso factivo e/ou iterativo, por exemplo, *ἄκοντίζω* (‘atirar flechas’) e *ὀνειδίζω* (‘ultrajar, afrontar, insultar’), segundo Fleury (1947, p. 175). Conforme Pharies (2002, p. 373), *-ίζω* é extremamente produtivo na língua grega, tendo formado centenas de verbos.

Neste sentido, conforme Juret (1937, p. 83), *-ισμος* e *-ισμα* são terminações designadoras de formações *nomina actionis* a partir de verbos terminados em *-ίζω*, considerando que os derivados formados com a primeira indicam uma ação em curso, ao passo que os formados com a segunda indicam uma ação já terminada, ou o resultado desta. Porém, segundo Fleury (1947, p. 32), o sufixo *-μα*, ao contrário de *-μος*, não é produtivo no grego, aparecendo associado a um pequeno número de verbos e em um número isolado de palavras.

Constatou-se, ainda, em Chantraine (1968), que normalmente a ocorrência do verbo é mais antiga que as ocorrências dos nomes de ação, agentes, adjetivos e aos substantivos terminados em *-ιστική*; sugerindo que estes sejam derivações posteriores. Outrossim, nota-se que em geral a abonação dos nomes de ação é mais antiga sugerindo que, normalmente, surjam com anterioridade aos nomes de agentes, que, por sua vez, geralmente, são abonados com anterioridade aos nomes adjetivais e estes mais antigos que os substantivos femininos terminados em *-ιστική*.

Etimologicamente pode-se considerar, então, ao observar os dados obtidos em Chantraine (1968) com suas respectivas datações, que as constelações formadas com as terminações estudadas começam, no grego, em geral, por uma formação verbal terminada em *-ίζω*, a partir da qual se formam palavras funcionalmente *nomina actionis* terminadas em *-ισμα*, que indicam o resultado da ação, e terminadas em *-ισμός*, que indicam o processo em curso; além das formações *nomina agentis* terminadas em *-ιστηρ*, cuja concorrência com *-ιστής* faz a terminação se especializar na formação de *nomina instrumenti*. Nessa linha, partindo da formação *nomina agentis* em *-ιστής* acrescida do sufixo *-ικός*, formam-se as palavras adjetivas terminadas em *-ιστικός*, que, desse modo, se mostra como a

```
graph TD; V["-ίζω  
verbos"] --> N1["-ισμα / -ισμός  
nomina actionis"]; V --> N2["-ιστηρ / -ιστής  
nomina agentis"]; N1 --> N3["-ιστηρ  
nomina instrumenti"]; N2 --> N3; N2 --> N4["-ιστής  
nomina agentis"]; N4 -- "+ -ικός" --> A["-ιστικός  
adjetivos"]; A -- "conversão" --> S["-ιστική  
substantivos"]
```

The diagram illustrates the formation of Greek nouns and adjectives from verbs. It shows a central verb box (-ίζω, verbos) branching into two noun boxes (-ισμα / -ισμός, nomina actionis and -ιστηρ / -ιστής, nomina agentis). The -ιστηρ / -ιστής box further branches into -ιστηρ (nomina instrumenti) and -ιστής (nomina agentis). The -ιστής box also branches into -ιστικός (adjetivos) via the addition of -ικός, and -ιστική (substantivos) via conversão.

Grosso modo, pode-se admitir que o sufixo *-ῖζω* indica uma ação factiva ou iterativa, a terminação *-ισμα* indica o produto da ação, *-ισμός* indica o processo da ação em curso, *-ιστηρ* indica o instrumento requerido pela ação ou processo, *-ιστής* indica o agente da ação ou processo, a terminação *-ιστικός* designa o adjetivo relacionado à ação ou ao processo e a terminação *-ιστική* indica a ciência ou arte que envolve a ação ou processo. Convém destacar que esta acepção semântica adquirida pela terminação deve-se ao frequente uso de suas formações adjetivas ao lado das palavras femininas *τέχνη* (‘método, técnica, arte, prática, competência’) e *ἐπιστήμη* (‘ciência, habilidade, conhecimento, saber, estudo’) com a posterior elisão da forma substantiva, promovendo a substantivação do adjetivo feminino. Por exemplo, *ἀγωνιστική τέχνη* passou a ser escrita já no próprio grego como *ἀγωνιστική* nos contextos em que o substantivo *τέχνη* está claramente entendido; analogamente *λογιστική ἐπιστήμη* passou a ser referida como *λογιστική*.

Pode-se observar uma instância de constelação formada com *-ίζω, -ισμα, -ισμός, -ιστηρ, -ιστής, -ιστικός, -ιστική*: *ὀρίζω* ‘delimitar, demarcar fronteiras, limites’; *ὄρισμα* ‘fronteira, limite’; *ὀρισμός* ‘delimitação, definição’; *ὀρίστηρ* ‘marco, pedra que se usa para demarcar limites territoriais’; *ὀριστής* ‘demarcador de fronteiras; aquele que determina, estabelece, juiz’; *ὀριστικός* ‘que/quem serve para delimitar, para definir’; *ὀριστική* ‘a arte de delimitar, na gramática é o modo indicativo’.

Com os exemplos anteriormente elucidados, nota-se que a derivação em uma constelação nem sempre é previsível, concomitantemente e nem sempre segue apenas as regras do processo derivativo, pois pode haver as acomodações fonéticas, as necessidades dos falantes em prescindir ou não de determinados termos e suas funções, há também as formas de terminações concorrentes que se podem cristalizar em determinado dialeto em detrimento de outras. Ademais, acredita-se que, no caso da língua grega, muitos textos perdidos teriam de maneira concreta, possivelmente, como confirmar a existência de palavras consideradas hipotéticas, formadas com as terminações aqui analisadas.

Embora a Figura 1 esquematize o processo etimológico de formação das constelações com as terminações estudadas, a partir do momento em que cada terminação se torna produtiva passa a haver uma associação entre elas sem que as formações sigam exatamente os mesmos passos do processo. Assim, nota-se que pode não haver a existência concomitante de todas as formas previstas, mas apenas de algumas delas devido às associações estabelecidas entre as terminações e/ou a produtividade própria de cada terminação. A título de justificativa, as terminações *-ισμα* e *-ιστηρ* mostraram-se com baixíssima produtividade, menos de 1%, nos dados coletados de Chantraine (1968), por isso poucas são as instâncias de constelações que as contemplam. De qualquer modo, no grego, a formação das constelações está geralmente centrada nas formas verbais, como sua origem. A título de ilustração, a figura 2 esquematiza, no grego, as relações entre as terminações estudadas nas constelações, mantendo o verbo como o centro destas nas relações.

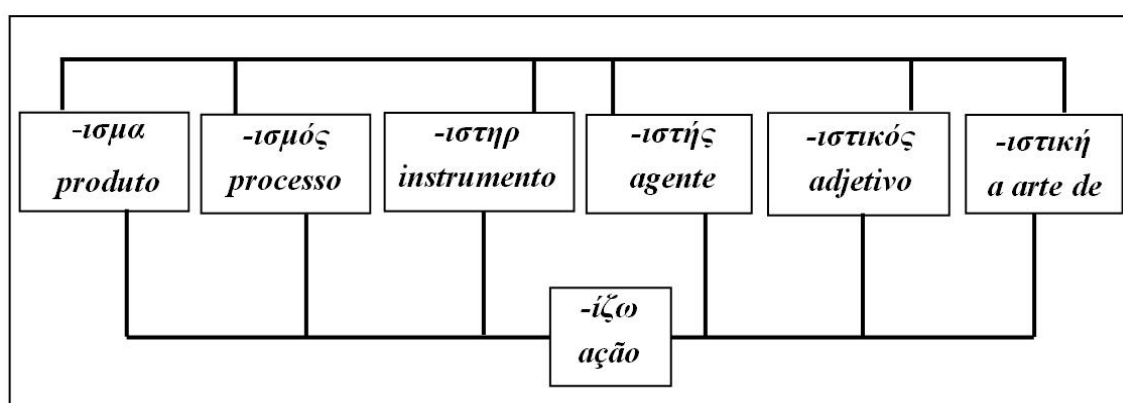


Figura 2. Esquema das relações entre as terminações estudadas nas constelações

Com o total de 247 palavras obtidas em Chantraine (1968) pode-se notar que, quanto à forma, no grego, a constelação mais ocorrente é a instância composta pelo verbo (*-ίζω*), nome de ação verbal (*-ισμός*) e nome de agente (*-ιστής*), apresentando 35% do total de ocorrências. A segunda constelação que mais se evidencia é a quaternária, apresentando 16% do total, cujas instâncias são formadas pelo verbo (*-ίζω*), nome de ação verbal (*-ισμός*), nome de agente (*-ιστής*) e nome adjetival (*-ιστικός*). Notou-se ainda que as instâncias de constelações formadas com nomes substantivos terminados em *-ιστική* são pouco representativas e ao todo somam 6% do total. Por outro lado, as com a forma adjetival em *-ιστικός* mostram-se bastante representativas e apresentam um total de 35% das ocorrências.

Ocorrências das constelações no latim

De modo análogo ao que foi feito no grego, no latim foram levantadas todas as palavras terminadas em *-ismus*, *-istēs*, *-istīcus* e *-istīca*, encontradas nos dicionários Gaffiot (1934) e Munguía (2010), bem como os verbos terminados em *-izō* e suas famílias de palavras criadas por derivação sufixal. Ao consultar as obras gramaticais latinas, nada se pode encontrar com relação aos sufixos estudados. Acredita-se que tal fato se deva ao pouco uso feito dos afixos estudados pelos autores clássicos, cujos textos têm servido como base às gramáticas latinas.

Assim, com os dados coletados, obteve-se um total de 79 palavras, 25 delas totalmente isoladas, ou seja, sem pertencer a alguma constelação. Assim, nem todos os tipos de combinações com os sufixos estudados ocorrem nas constelações do latim, havendo uma grande preponderância, 50%, nas ocorrências isoladas das formações com os afixos, e 40% das ocorrências apresentando associação com verbo. Convém notar que não foram encontradas palavras com o sufixo *-isma* ou *-istēr* e foi encontrada apenas uma palavra isolada com o sufixo *-istīca*. Os dados referentes às constelações estão dispostos na Tabela 1.

Tabela 1: Tipos de constelações em Gaffiot (1934) e Munguía (2012)

Tipo de constelação	Ocorrências	Porcentagem
<i>-ismus</i> + <i>-izō</i>	9	18%
<i>-istēs</i> + <i>-istīcus</i>	3	6%
<i>-istēs</i> + <i>-izō</i>	7	14%
<i>-istēs</i> + <i>-ismus</i>	2	4%
<i>-ismus</i> + <i>-izō</i> + <i>-istēs</i>	3	6%
<i>-ismus</i> + <i>-izō</i> + <i>-istīcus</i>	1	2%
Palavras isoladas	25	50%

Ao observar os dados pôde-se constatar que a maioria das ocorrências no grego se dá sem vinculação com o verbo. Assim, na transposição das terminações gregas para o latim, a partícula *-is-*, no grego *-ισ-*, deixa de significar a deverbalidade na derivação e passa a ser incorporada aos sufixos: *-ismus*, *-istēs* e *-istīcus*. Ainda assim, pode-se notar que *-ismus* indica um processo em curso e/ou um ideal filosófico-religioso, *-istēs* indica um agente ou seguidor de ideal, *-istīcus* indica um adjetivo relativo ao agente ou ao ideal e *-izō* indica uma ação. Verificou-se também que a maioria das palavras encontradas no latim são transliterações gregas do campo religioso e filosófico, usadas como termos e cuja terminação enfatiza sua proveniência.

Comparação das ocorrências entre o grego e o latim

Pode-se notar que há, em números absolutos, muito mais ocorrências de *-ισμός/-ismus*, *-ιστής/-istēs* e *-ιστικός/-istīcus* no grego que no latim. Além disso, a maioria das palavras encontradas no latim, segundo Munguía (2010) e Gaffiot (1934), é importada diretamente da língua grega. Desse modo, *-ισμός/-ismus*, *-ιστής/-istēs* e *-ιστικός/-istīcus* apresentam uma boa produtividade na língua grega, porém não na latina, deixando fortemente marcado o traço de sua origem helênica nas ocorrências desta. Ademais, nota-se que, embora timidamente, no grego aparece a produtividade de *-ιστική/-istīca* na formação de nomes substantivos em algumas ocorrências, ao contrário do latim, no qual apenas

se encontra uma única palavra com tal terminação em Gaffiot (1934, p. 919), associada pelo autor à terminação *-ιστικός*, notadamente importada da língua grega, e portanto, não seja quiçá reconhecida como sufixo.

Quanto ao estudo das constelações, notou-se que no grego a maioria de suas ocorrências está vinculada a um verbo, ao passo que a preponderância latina é para as ocorrências isoladas. Acredita-se, então, que inicialmente a importação do grego ao latim se deu palavra a palavra de acordo com a necessidade de uso, de modo que nem sempre foi necessária a importação de todas as formações de uma instância de constelação. Somado a isto, pode-se conjecturar que o fato de a língua latina denotar o verbo e seus objetos em palavras separadas, tenha propiciado que a partir do latim os sufixos estudados comecem a ser denominais e não mais deverbais, amalgamando, desse modo, a partícula *-is-* aos sufixos. Assim, generalizando o parecer de Pharies (2002, p. 356), pode-se afirmar que o latim os adota como sufixos, porém deixa de seguir a regra gramatical grega nas suas poucas, porém, novas formações.

A internacionalização das constelações estudadas

Sabe-se que os sufixos estudados são internacionais e formam palavras de ampla circulação e que são importadas até mesmo por línguas nas quais não há a produtividade destes, por exemplo, no japonês. Para justificar a asserção da internacionalização de ditos sufixos, foi feito um levantamento da existência de formas cognatas em diversas línguas, não apenas as românicas, após pesquisa e consultas a obras linguísticas, gramáticas, dicionários e a especialistas em cada uma das línguas consideradas. Com os dados obtidos elaboraram-se as tabelas exemplificativas a seguir com as formas cognatas dos sufixos *-ismo*, *-ista*, *-ístico(a)* e *-ística* encontradas, a título ilustrativo, nas línguas românicas: romeno, italiano, francês, catalão, valenciano, castelhano, galego e português; nas línguas germânicas: inglês, alemão, sueco, holandês e norueguês; nas eslavas: tcheco, polonês, eslovaco, búlgaro e russo; nas bálticas: letão e lituano; em outras línguas europeias: *euskera*, húngaro, albanês e turco; nas línguas semitas: hebraico e árabe, bem como nas línguas orientais: japonês e chinês, conforme está exposto nas tabelas 2 a 8, a seguir.

Tabela 2: Cognatos de *-ismo*, *-ista*, *-ístico(a)* e *-ística*, nas línguas românicas

romeno	italiano	francês	catalão, valenciano	castelhano galego, português
<i>-ism</i>	<i>-ismo</i>	<i>-isme</i>	<i>-isme</i>	<i>-ismo</i>
<i>-ist(ă)</i>	<i>-ista</i>	<i>-iste</i>	<i>-ista/-iste</i>	<i>-ista</i>
<i>-istic(ă)</i>	<i>-istico(a)</i>	<i>-istique</i>	<i>-ístic</i>	<i>-ístico(a)</i>
<i>-istică</i>	<i>-ística</i>	<i>-istique</i>	<i>-ística</i>	<i>-ística</i>

Tabela 3: Cognatos de *-ismo*, *-ista*, *-ístico(a)* e *-ística*, nas línguas germânicas

inglês	alemão	sueco	holandês	norueguês
<i>-ism</i>	<i>-ismus</i>	<i>-ism</i>	<i>-isme</i>	<i>-isme</i>
<i>-ist</i>	<i>-ist(in)</i>	<i>-ist</i>	<i>-ist/-iste</i>	<i>-ist</i>
<i>-istic</i>	<i>-istisch</i>	<i>-istika</i>	<i>-istische</i>	<i>-istik(e)</i>
<i>-istics</i>	<i>-istik</i>	<i>-istika</i>	<i>-istiek</i>	<i>-istik</i>

Tabela 4: Cognatos de *-ismo*, *-ista*, *-ístico(a)* e *-ística*, nas línguas eslavas

tcheco	polonês	eslovaco	búlgaro	russo
<i>-ismus</i>	<i>-izm</i>	<i>-izmus</i>	<i>-изъм</i> [izəm]	<i>-изм</i> [izm]
<i>-ista(ka)</i>	<i>-ista(ka)</i>	<i>-ista(ka)</i>	<i>-учм(ка)</i> [ist]	<i>-учм(ка)</i> [ist]
<i>-isticý(é)</i>	<i>-istyczne(ych)</i>	<i>-isticý(é)</i>	<i>-учмически</i> [isti]eki]	<i>-учмический</i> [isti]ekii]
<i>-istika</i>	<i>-istyka</i>	<i>-istika</i>	<i>-учмука</i> [istika]	<i>-учмука</i> [istika]

Tabela 5: Cognatos de *-ismo*, *-ista*, *-ístico(a)* e *-ística*, nas línguas bálticas

letão	lituano
<i>-isms</i>	<i>-izmas</i>
<i>-ists</i>	<i>-istas</i>
<i>-istikas</i>	<i>-istinis</i>
<i>-istika</i>	<i>-istika</i>

Tabela 6: Cognatos de *-ismo*, *-ista*, *-ístico(a)* e *-ística*, em outras línguas europeias

euskera	húngaro	albanês	turco
<i>-ismo</i>	<i>-izmus</i>	<i>-izëm</i>	(não há)
<i>-ista</i>	<i>-ista/-ist</i>	<i>-ist</i>	
<i>-ístico(a)</i>	<i>-isztikus</i>	<i>-istik(e)</i>	
<i>-ística</i>	<i>-isztika</i>	<i>-istikë</i>	

Tabela 7: Cognatos de *-ismo*, *-ista*, *-ístico(a)* e *-ística*, em línguas semitas

hebraico	árabe
<i>/ism/</i>	(não há)
<i>/izm/</i>	
<i>/ist/</i>	
<i>/isti/</i>	
<i>/istikah</i>	

Tabela 8: Cognatos de *-ismo*, *-ista*, *-ístico(a)* e *-ística*, em línguas orientais

japonês	chinês
<i>/isumo/</i>	(não há)
<i>/isuto/</i>	

Não obstante sejam internacionais, nota-se que em algumas línguas os sufixos não apresentam formas cognatas. É o caso do turco, do árabe e do chinês que, em geral, apresentam poucos ou nenhum sufixo derivacional. Nas línguas em que aparecem, porém, nem sempre estes apresentam produtividade própria, muitas vezes, surgem apenas na formação de palavras adquiridas como empréstimos adaptados foneticamente. A título de ilustração, no japonês as palavras */pianisuto/*, */nudisuto/* e */paulisuto/* são empréstimos das palavras ocidentais *pianista*, *nudista* e *paulista*, adaptados foneticamente à língua japonesa, mas sem que */isuto/* seja produtivo, pois a língua não faz uso de sufixos nominais, e, portanto, não é reconhecido pelos falantes como tal. Nota-se também que, no japonês, não foram encontradas, nas consultas a dicionários, palavras formadas com cognatos de *-ístico(a)* e *-ística*. Além do japonês, no hebraico, em euskera, húngaro, albanês, letão e lituano, apesar de apresentarem palavras formadas com os cognatos dos quatro sufixos estudados, não se observa produtividade própria, apenas se verificam empréstimos.

Notam-se, ademais, que as línguas das tabelas de 2 a 6, excetuando-se o turco, apresentam constelações com as formas cognatas dos sufixos, em sua grande maioria denominais. Utilizando-se como *corpus* dicionários das línguas estudadas, pôde-se verificar que a distribuição das constelações com os quatro sufixos é bem similar nestas, de forma que a constelação formada com os cognatos de *-ismo* e *-ista* é a mais representativa com uma variação média de 60% a 75% das ocorrências dependendo da língua; a constelação ternária formada com os cognatos de *-ismo*, *-ista* e *-ístico(a)*, apresenta uma variação média de 3% a 10% das ocorrências, destacando-se a língua alemã com 20%; a constelação quaternária formada com os cognatos de *-ismo*, *-ista*, *-ístico(a)* e *-ística* apresenta uma variação média de 1% a 4% das ocorrências. Considerando-se também a forma verbal com cognatos de *-izar*, pouquíssimas constelações foram encontradas apresentando uma variação média menor que 1% nas línguas consultadas.

Justifica-se, então, por meio da análise de porcentagens, que a maioria das associações encontradas em obras teóricas da área seja entre *-ismo* e *-ista*, seguida das associações entre *-ismo*, *-ista* e *-ístico(a)* e, ainda que não seja mencionada pelas obras de apoio teórico consultadas, a associação quaternária entre *-ismo*, *-ista*, *-ístico(a)* e *-ística*, dada a pequena porcentagem de palavras formadas com *-ística*, pode explicar a ausência de menções a esse sufixo em muitos estudos consultados.

Grosso modo, observando-se semanticamente os dados, pode-se inferir que, para uma determinada base, a derivação com os cognatos de *-ismo* indica o sistema e/ou processo feito com ou a partir dela; a derivação com os cognatos de *-ista* indica o agente de tal sistema/processo, a derivação com *-ístico(a)* indica o adjetivo de pertinência ao sistema/processo, e a derivação com *-ística* indica a disciplina e/ou ciência que estuda o sistema/processo. Nota-se também que, ao contrário do grego, no qual as constelações partem de um verbo, a partir do latim, na maioria dos casos as constelações passam a ser denominais, e é o que geralmente ocorre nas constelações internacionais observadas, pela quase ausência da forma verbal nelas. Convém observar que, em geral, as formas verbais ocorrem internacionalmente em constelações do âmbito religioso e são empréstimos gregos, por exemplo, no português: *batizar*, *catequizar*, *evangelizar*.

Considerações finais

Sabe-se que, embora *-ιστής* e *-ισμός* tenham sido duas terminações produtivas no grego, apresentam pouca produtividade ao serem transpostas para o latim sob a forma *-istēs* e *-ismus*. Já a terminação *-ιστικός*, que se mostra presente em vários vocábulos adjetivos do grego, importada sob a forma latina *-isticus*, apresenta muito raras ocorrências em palavras latinas. Outrossim, ainda que não se tenham encontrado menções teóricas, verificou-se no grego a existência produtiva da terminação *-ιστική* na formação de palavras substantivas que designam arte ou ciência, embora, sob a forma latina *-ística*, se tenha encontrado apenas uma ocorrência em palavra importada diretamente do grego. Pelo observado em Munguía (2010), a maioria das palavras formadas com as terminações estudadas não é usada pelos autores do latim clássico, o que justificaria, em parte, sua pequena produtividade latina na escrita.

É notório que no grego as constelações têm como ponto de partida uma designação verbal, à qual se associam. Assim, as terminações gregas *-ισμός*, *-ιστής*, *-ιστικός*

e *-ιστική* estão associadas a verbos nominativos e/ou factivos terminados em *-ίζω*, de tal forma que podem denotar ruídos, em geral, onomatopeicos ou sons musicais, muitas vezes provenientes do instrumento tomado como base, neste caso já se notando a origem da predileção dos sufixos estudados no âmbito artístico, principalmente da música. Exemplos: *κιθαρίζω* ('tocar a cítara') > *κιθαριστής* ('quem toca a cítara'), *κιθαριστικός* ('adjetivo relacionado a tocar a cítara'), *κιθαριστική* ('a arte ou técnica de tocar a cítara'). Em outros casos, são verbos que podem indicar 'imitadores de', em geral, tomando um gentílico como base, e, por generalização, acabaram por designar 'ser seguidores de' ou 'ser partidários de', indicando a gênese dos sufixos estudados na designação genérica de pertinência a grupos (dos mais variados movimentos: filosóficos, científicos, artísticos, políticos, religiosos, etc.) e seus partidários. Exemplos: *ἀπικίζω* ('imitar os atenienses', 'falar como os atenienses', 'ser do partido ateniense') > *ἀπικισμός* ('adesão ao partido ateniense'), *ἀπικιστής* ('imitador dos atenienses', 'quem fala como os atenienses', 'partidário dos atenienses'). Os verbos com esta terminação grega podem designar ainda o senso factivo e/ou iterativo, indicando ações repetitivas, por exemplo, atuando já desde o grego de maneira evidenciada, no âmbito esportivo: *ἀκοντίζω* ('lançar o dardo') > *ἀκοντισμός* ('lançamento do dardo'), *ἀκοντιστής* ('lançador de dardo'), *ἀκοντιστικός* ('relativo a lançar o dardo'), *ἀκοντιστική* ('a arte de lançar o dardo').

Observa-se, ainda, que *-ισμός*, *-ιστής*, *-ιστικός* e *-ιστική* são terminações produtivas concatenadas aos sufixos gregos *-μός*, *-τής*, *-ικός* e *-ική*, quando associadas a verbos terminados em *-ίζω*, nas respectivas funções de *nomina actionis*, *nomina agentis*, designação de adjetivos relacionais e designação de substantivos femininos que nomeiam ciência, arte e/ou técnica. Entretanto, ao serem incorporadas ao latim por importação de suas formações, percebe-se que, muitas vezes, não houve a importação da instância inteira da constelação, apenas das palavras necessárias. Nessas importações, notoriamente é evidenciada a falta do verbo, promovendo, por um lado, o início da produção denominal dos sufixos, repassada às línguas românicas, por outro, uma maior não concomitância na possível rede de associações sufixais.

Pode-se concordar também que, de fato, etimologicamente, *-ístico(a)*, o sufixo formador de adjetivos, é um cultismo proveniente da concatenação da terminação grega *nomina agentis* *-ιστής* e do sufixo grego *-ικός*, importado pela língua latina sob a forma pouco produtiva *-istīcus*. De modo similar, *-ística*, sufixo formador de substantivos, é proveniente da conversão substantiva de adjetivos femininos formados com *-ístico(a)*, e, portanto, indiretamente também é fruto etimológico da concatenação de *-ιστής* e *-ικός*.

Observou-se que, apesar de o latim apresentar ocorrências escassas destes sufixos, nas línguas modernas observadas estes se evidenciam em número relevante. Assim, infere-se que a maioria observada dessas ocorrências internacionais não é de origem latina clássica, mas houve uma posterior retomada, por uma ou mais línguas europeias que veicularam as palavras grego-latinas e seus modelos. Nesse sentido, convém lembrar que, para Ferreiro (2001, p. 156), os sufixos *-ista* e *-ismo* tiveram uma grande produtividade nas línguas francas europeias, principalmente nos séculos XIX e XX, por meio da expansão dos movimentos culturais, uma das quais o galego, entre outras línguas, que tomam como empréstimo um número muito grande de palavras com eles formadas. Said Ali (1930, p. 19) explica que as palavras mais antigas formadas com *-ismo*, sufixo associado a *-ista*, na língua portuguesa, devem-se ao latim da Idade Média, algumas formadas de

empréstimos latinos (em geral, provenientes do grego) e outras já formadas analogicamente. De acordo com o autor, o fato inicial de popularização dessas palavras deve-se à ação da Igreja Católica, e ressalta que, ainda que tenham sido difundidas no vulgo, não apresentaram produtividade na formação de novos derivados. O autor ressalta ainda que esta disposição só veio a mudar nos séculos XVIII e XIX, sob influência dos movimentos intelectuais franceses, e então muitas palavras não só foram formadas e importadas do estrangeiro, mas também se iniciou a sua formação a partir de bases próprias do português. Como os sufixos *-ismo*, *-ista*, *-ístico(a)* e *-ística* estão associados, infere-se que, não apenas *-ismo*, mas também os demais foram veiculados, de modo análogo, por línguas francas europeias.

Conforme visto, os sufixos estudados tiveram a sua origem na língua grega, adentraram o latim e, por meio dessa língua, as línguas românicas. Entretanto, somente a partir do século XVIII começaram a ter produtividade própria nas românicas, devido à sua propagação pelo latim científico, no âmbito técnico e acadêmico, mas também em outros âmbitos por influência de línguas de cultura, tais como o francês, italiano e alemão, dentre outras. Nota-se também que há línguas veiculares específicas para determinadas áreas, por exemplo, entre outras, a influência do italiano na música e pintura, o alemão na filosofia, o francês na moda da alta costura, e da língua inglesa, a partir do século XX, nos mais variados âmbitos. Convém lembrar que o papel das traduções foi fundamental na disseminação das formas cognatas dos sufixos nas mais variadas línguas, inicialmente com palavras cultas nos âmbitos acadêmicos e culturais.

Podemos, então, concluir que na língua, à semelhança das palavras, seus constituintes também se transformam formal e semanticamente, se associam entre si, são traduzidos e inseridos por meio de línguas veiculares a línguas naturais, circulam em âmbitos específicos, são decalcados, emprestados e adaptados foneticamente a línguas diferentes da de sua origem e nas quais podem vir a ser produtivos abrangendo novos campos semânticos, formando e ampliando constelações próprias.

REFERÊNCIAS

CASEVITZ, M. *Le vocabulaire de la colonisation en grec ancien*. Paris: Klincksieck, 1985.

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1968.

Dictionary Reference. s.d. Disponível em: <<http://dictionary.reference.com/>>. Acesso em: jul. 2012.

FERREIRO, M. *Gramática histórica galega*. Noia: Laiovento, 2001.

FLEURY, E. *Morphologie historique de la langue grecque*. Paris: J. de Gigord, 1947.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire Latin Français*. Paris: Hachette, 1934.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. (Org.). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*.

sa. Versão 1. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM, v. 1.0.

IECAT. *Diccionari de la llengua catalana* (DIEC). L'Institut d'Estudis Catalans. Disponível em: <<http://www.dlc.iec.cat/>>. Acesso em: jul. 2012.

JURET, A. –C. *Formation de noms et des verbes en latin et en grec*. Paris: Les Belles Lettres, 1937.

MAURO, T. de; MANCINI, M. *I Dizionario Medi Garzanti. Parole Straniere nella lingua italiana*. Milano: Garzanti Linguistica, 2003.

MUNGUÍA, S. S. *Nuevo diccionario etimológico Latín-Español y de voces derivadas*. 4. ed. Bilbao: Deusto, 2010.

PHARIES, D. *Diccionario Etimológico de los Sufijos Españoles*. Madri: Gredos, 2002.

RAE – REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. 22. ed. Madri: Real Academia Española, 2001.

RIO-TORTO, G. M.; VIEIRA, A. Nomes em -ismo no português dos séculos XVIII a XX. *Cuadernos del Instituto de Historia de la Lengua*, n. 2, p. 115-137, 2009.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1930.

_____. *Dicionário Prático Russo-Português*. Moscou: Russki Jazyk, 1986.

VIARO, M.E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AREÁN-GARCÍA, N. *Estudo comparativo de aspectos semânticos do sufixo -ista no português e no galego*. 2007. 463 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. *Aspectos sincrônicos e diacrônicos do sufixo -ístico(a) no português e no galego*. 2012. 520 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CARBALLEIRA ANLLO, X. M. *Gran Dicionario Xerais da Lingua*. Santiago de Compostela: Xerais, 2009.

COROMINAS, J. *Breve Diccionario etimológico de la lengua castellana*. 3. ed. Madri: Gredos, 1961.

CORTELAZZO, M.; ZOLLI, P. *Il nuovo etimológico. DELI – Dizionario Etimológico della Lingua Italiana*. Segunda Edição. Bologna: Zanichelli, 2009.

CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DUDEN. *Duden in zwölf Bänden. Das Standardwerk zur deutschen Sprachen. Das Herkunftswörterbuch. Etymologie der deutschen Sprache*. Band 7. Mannheim: Dudenverlag, 2007.

FRINTA, A. *Bulharko-Český Slovník*. Praga: Nakladatelství Československé Akademie Věd, 1959.

GIANASTACIO, V. *A presença do sufixo -ismo nas gramáticas da língua portuguesa e sua abrangência dos valores semânticos, a partir do Dicionário de Língua Portuguesa Antônio Houaiss*. 2009. 176f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LAPESA, R. *Historia de la lengua española*. Real Academia Española. Colección Nebrija y Bello. Madri: Espasa Calpe, 6ª Ed., 2003.

LÁSZLO, D. *Česko-Maďarský Slovník / Cseh-Magyar Szótár*. Praga: Akadémiai Kiadó, 1960.

LE ROBERT. *Dictionnaire de la langue française*. Paris: Le Robert, 1985.

MOCANU, P. *Dictionar Român-Portuguez*. București: Științifică și enciclopedică, 1981.

MUÑOZ ARMIJO, L. *La historia de los derivados en -ismo e -ista en el español moderno*. 2010. 708 f. Tese (Doutorado em Filologia Espanhola) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Autónoma de Barcelona, Bellaterra.

ONIONS, C. T.; FRIEDRICHSEN, G. W. S.; BUCHFIELD, R. W. *The Oxford Dictionary of English Etymology*. London: Oxford, 1966/1994.

RIO-TORTO, G. M.; VIEIRA, A. Nomes em -ismo no português dos séculos XVIII a XX. *Cuadernos del Instituto de Historia de la Lengua*, n. 2, p. 115-137, 2009.

STANISŁAWSKI, J. *The great Polish-English Dictionary*. Varsóvia: Wiedra Powsechna, 1969.

STARETS, S.; VOINOVA, N. *Dicionário Prático Português-Russo*. Moscou: Russki Jazyk, 1986.

WAHRIG, G. *Wörterbuch der deutschen Sprache*. München: Deutscher Taschenbuch, 1999.